

Espiritualidade Litúrgica

Pe. Dr. Valter Maurício Goedert
Professor de Liturgia

INTRODUÇÃO

A

sociedade de consumo que invade o mundo sente dificuldades em relação à espiritualidade, porque se apoia excessivamente na eficácia da ciência e da técnica. Fundamentando-se no racionalismo e no liberalismo, essa sociedade vive e prega um antropocentrismo unilateral. A rejeição dos valores

absolutos, o relativismo moral, o esquecimento do outro como pessoa provocam, além da crítica sistemática à moral cristã, o desinteresse generalizado pela vida espiritual.

Nesse contexto é preciso avaliar os problemas da oração em nossos dias, dentro e fora do cristianismo. Em sua auto-suficiência, a sociedade atual considera ineficaz e ilusório todo apelo aos valores sobrenaturais referentes a Deus e à oração.

Além da crise da oração em si mesma, tem-se dificuldade em aceitar a oração comunitária e litúrgica. O mundo, com reservas, aceita uma oração individualista; questiona, no entanto, a oração comunitária. Por que a liturgia insiste em transmitir um ritualismo simbólico tantas vezes desconhecido pelo povo?

Mais do que a oração em si mesma, está em crise um esquema cultural. Uma autêntica *guinada cultural* aconteceu na história da espiritualidade. A contemplação, tão familiar à espiritualidade antiga e medieval, passa a ser considerada uma exceção, algo que pode ser alcançado somente através de *estágios* cada vez mais difíceis. Tal concepção leva à categorização das diversas formas de oração e aos métodos que devem ser seguidos para se alcançar o vértice.¹

Mais do que uma necessidade na vida das pessoas, a oração se torna um privilégio de poucos. Reza quem é chamado para a *montanha dos sete patamares* e não quem deseja rezar.

René VOILLAUME vê por detrás dessas dificuldades uma concepção determinista do homem e do mundo: "A dificuldade não vem dos fatos que em si mesmo constituem a realidade do mundo, nem das situações que os homens têm que enfrentar, e sim do fato de que estas realidades e situações já não são percebidas diretamente tais como são, mas sim interpretadas à luz de uma concepção determinada do homem, da sua história, da sua

evolução terrestre, concepção proveniente de uma visão filosófica do universo que não é a única a poder explicar o homem e o mundo"²

O Novo Testamento fala da oração como de uma realidade que se baseia no próprio existir do cristão ao viver segundo a aliança, isto é, segundo o Espírito de Cristo, na fé, na esperança e na caridade, e que conduz à união com Deus e com os irmãos. Não se trata apenas de momentos, mas de uma atitude permanente. A oração da vida, segundo a aliança, tem prioridade sobre os *atos* e os *momentos* de oração.

A oração cristã consiste, pois, numa síntese entre fé e vida. Por ser uma realidade dinâmica, precisa de ser procurada, sempre de novo. "Deves orar, afirma René VOILLAUME, porque o Senhor Jesus te amou primeiro e porque o amas em retribuição a esse amor. A amizade pede um diálogo íntimo em que possas exprimir teu amor e conhecer a Deus por experiência e por amor... Deves orar porque o Salvador te chamou a trabalhar com ele na salvação dos homens... Não esqueçamos de que, quanto menos rezamos, pior rezamos, e menos sentimos o desejo de orar"³.

A oração não é uma realidade desligada da vida, como veremos mais adiante, nem se restringe a uma celebração. "A eficácia do mistério litúrgico de que se participa, afirma Enzo LODI, produz efeitos profundos realizáveis plenamente somente fora da celebração propriamente dita, exatamente porque esta não pode ter senão uma duração determinada e condicionada pelas exigências comunitárias"⁴.

O Papa JOÃO PAULO II define a oração como procura de Deus: "A oração é a procura de Deus, mas é também revelação de Deus. Um homem que reza professa esta verdade e, em certo sentido, torna presente Deus, que é amor misericordioso no seio do mundo"⁵.

Tendo como *pano de fundo* toda esta problemática, passamos a focalizar a liturgia como fonte de espiritualidade cristã, a partir da centralidade do Mistério Pascal de Jesus Cristo e sua realização concreta na vida de cada cristão. Além das característi-

"A oração é a procura de Deus, mas é também a revelação de Deus"

cas e das dimensões próprias da espiritualidade litúrgica, veremos as relações entre liturgia e sinergia do Espírito Santo: liturgia e virtudes teologais; liturgia e outras formas de piedade.

LITURGIA, FONTE DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

1 Introdução

A ação litúrgica oferece, em grau elevado, os elementos fundamentais da espiritualidade cristã. Toda celebração, enquanto obra de Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, e de seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, e nenhuma outra ação da Igreja, pelo mesmo título e grau, iguala a sua eficácia (*Sacrossanctum Concilium*, n. 7). Certamente a liturgia não é tudo, não esgota toda a ação da Igreja (SC 9), mas é seu ápice e fonte (SC 10). Dela deve brotar toda a vida espiritual, de modo que o Mistério Pascal de Cristo se realize e se expresse na vida de cada cristão.

NEUNHAEUSER descreve com muita propriedade a essência da espiritualidade litúrgica: "É a atitude abrangente do homem espiritual com a qual ele constrói, na fé, toda a sua vida humana e espiritual, segundo os mistérios de Cristo, na participação ativa na liturgia da Igreja. Deste modo, ele participa da ação salvífica de Cristo e é modelado em virtude da graça divina, de acordo com sua imagem primordial, para daí tirar os critérios que devem informar toda a sua existência"⁶.

Evidentemente, a espiritualidade transmitida pela liturgia deve prolongar-se na vida concreta, no dia-a-dia do cristão. É preciso inserir-se na obra salvífica de Cristo para além da celebração. A dinâmica da espiritualidade engloba, portanto, três estágios sucessivos: a celebração em si, a extensão desta no espaço e no tempo através de cada celebração em particular, e a realização de tudo isso na vida cotidiana.

No seu conjunto, a espiritualidade litúrgica é uma realidade *sacramental*, isto é, implica a disponibilidade de celebrar os grandes sacramentos da Igreja de modo vivo, com participação consciente, ativa e plena de fé, e em conformidade com as normas de tais sacramentos, para inserir toda a vida nas dimensões incomensuráveis da obra salvífica de Cristo⁷.

2 História

A tradição da Igreja mostra que toda a vida cristã deve ser fundamentalmente litúrgica. Desde as catequeses mistagógicas dos Padres que introduziam os neocristãos no aprofundamento da fé, até a ação pastoral da Igreja na Idade Média, havia uma só preocupação: despertar e aprofundar a fé. Não faltou ao impulso renovador do Concílio de Trento, nem ao renascimento restaurador do século XIX, a mesma preocupação.

A espiritualidade somente se torna um tema explícito a partir do Movimento Litúrgico com Lamberto BEAUDOUIN (1873-1953). Outros nomes foram impor-

tantes na fase de expansão desse movimento, particularmente na renovação da vida espiritual. Citem-se o abade C. MARMION de Maredsous, Beato cardeal Schuster em Milão, Romano GUARDINI, o abade HERWEGEN de Maria Laach e Pius PARSCH na Austria.

Após um período de incerteza e de certa crise do Movimento Litúrgico nos anos de 1939 e seguintes, chega, finalmente, a encíclica de PIO XII, *Mediator Dei* (20/11/1947), que traz um esclarecimento oficial do magistério, aprovando as *teses fundamentais* do Movimento Litúrgico. O Concílio Vaticano II não faz outra coisa senão confirmar e aprofundar o processo de renovação litúrgica.

3 Ponto de Partida

O fundamento da espiritualidade litúrgica se situa na própria participação ativa nos mistérios e na oração solene e comunitária da Igreja. Trata-se de uma piedade objetiva, de uma espiritualidade que se orienta conscientemente, segundo os objetivos das celebrações dos sacramentos e da oração da Igreja.

Piedade objetiva não significa algo impessoal, frio e distante. Ao contrário, implica compromisso pessoal, relacionamento particular e profundo com Cristo, mediante a ação litúrgica. Jesus Cristo é a norma última e suprema da edificação da vida espiritual. A espiritualidade litúrgica inaugura uma forma especial e particular de relação direta com Cristo Redentor, que existiu historicamente e que se faz presente hoje de modo suprahistórico.

Na liturgia se realiza o Mistério de Cristo "*Mysterium-Sacramentum*". De acordo com o pensamento de Odo CASEL (1886-1948), também ele protagonista do movimento litúrgico, este "*Mysterium-Sacramentum*" significa o Mistério anterior ao tempo, da eterna vontade salvífica de Deus, realizado provisoriamente no mistério

da história de Israel e, verdadeiramente no Mistério Pascal de Cristo, agora reapresentado, atualizado, no mistério da Igreja e nos mistérios do seu culto, na esperança de sua plena realização escatológica. Este Mistério na sua totalidade é a norma objetiva da edificação individual e comunitária, da vida espiritual, de tal modo que, vivendo o Mistério Pascal, o cristão possa experimentá-lo⁸.

A espiritualidade litúrgica consiste, portanto, na identificação com o Mistério de Cristo na liturgia da Igreja. Embora não esgote toda a ação da Igreja

(SC 9), a liturgia constitui, no entanto, sua fonte e seu ápice (SC 10), exatamente porque nela acontece uma presença particular de Cristo (SC 7). Todas as outras formas de expressão da espiritualidade cristã, inclusive os exercícios de piedade, devem estar relacionados com a liturgia, dela de algum modo derivam e a ela se encaminham (SC 13).

É preciso, pois, que os fiéis celebrem a liturgia não como algo extrínseco, desligado de sua vivência, como um cerimonial apático e incolor, como mera prescrição ritual, mas nela tomem parte ativa e frutuosamente. "Com

"A espiritualidade litúrgica consiste, na identificação com o Mistério de Cristo na liturgia da Igreja"

disposições de reta intenção, sintonizem sua alma com as palavras e cooperem com a graça do alto, a fim de não a receberem em vão (SC 11). O Concílio propõe uma participação interna e externa dos fiéis segundo a idade, a condição, o gênero de vida e o grau de cultura religiosa (SC 19).

4 Centralidade da liturgia

A espiritualidade se alimenta na participação consciente e frutuosa da ação sagrada, uma vez que a liturgia constitui a primeira e necessária fonte da qual os

“A espiritualidade litúrgica se alimenta da celebração, mas não termina com ela”

fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão (SC 14). A ordenação e a subordinação de tudo o mais à liturgia significa que tudo, fora da liturgia, é visto como uma preparação para ela ou como sua consequência. Significa um predomínio qualitativo e

não quantitativo, uma vez que a liturgia não esgota toda a ação da Igreja (SC 9).

A espiritualidade litúrgica, no entanto, não só tem um fim diverso daquela finalidade que é comum a toda espiritualidade (isto é, tender à perfeição cristã, estar na graça divina e produzir frutos de caridade), mas, ao contrário, contém necessariamente, ainda que seja de modo geral, todos os elementos que são comuns à espiritualidade católica⁹.

Ninguém, portanto se sinta estranho ao celebrar o Mistério de Cristo. Ninguém se acomode ou sucumba à tentação de ser mero espectador. A Igreja, consciente desse desafio, “cuida para que, bem compenetrados pelas cerimônias e pelas orações, os fiéis participem consciente, piedosa e ativamente da ação sagrada. Sejam os fiéis instruídos pela Palavra de Deus, saciados pela mesa do corpo do Senhor e dêem graças a Deus. Aprendam a oferecer-se a si próprios, oferecendo a hóstia imaculada, não só pelas mãos dos sacerdotes, mas juntamente com eles, e assim, tendo a Cristo como mediador, dia a dia se aperfeiçoem na união com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos” (SC 48).

A celebração viva e genuína da ação litúrgica conduz à plena realização da vida espiritual. Aí reside o ápice, a fonte, o contato mais profundo com o Senhor Jesus. Quanto mais íntimo for este contato, mais a presença de Jesus será percebida nos demais atos de piedade e nas diversas atividades da vida diária. Na medida em que o cristão se saciar desta fonte (cf Jo 7,37-38), ele mesmo irá se identificando com Cristo, porque estará bebendo do seu Espírito (Jo 7,39).

“Celebrando o Mistério de Cristo, a liturgia torna presente a ação de Deus em todos os povos, lugares e tempos (Ef 1,3-14). O fundamento objetivo de toda vida espiritual (que deve ser plasmada, depois, de modo totalmente pessoal) está na celebração. No memorial real, na atualização, na representação do Mistério, isto é, de Jesus

Cristo em sua morte e ressurreição, em vista da edificação da Igreja, para a santificação dos crentes e de todo o povo de Deus, na conformação com o Crucificado e o Ressuscitado, para a glória de Deus e para a *adoração em espírito e verdade*” (cf Jo 4, 23-24).

A espiritualidade litúrgica se alimenta da celebração, mas não termina com ela. Não se pode falar em espiritualidade se não se faz a água viva chegar aos diversos momentos do dia, às diferentes atividades, aos mais variados ambientes e lugares, a todas as pessoas. Não se trata de uma atitude intimista, meramente subjetiva, sujeita aos temperos dos afetos. Não é um *espiritualismo*. A espiritualidade que não impulsiona para a vida, para a ação, para o compromisso libertador e integral do ser humano, da sociedade e do mundo secular, não é coerente e se esvazia em si mesma.

A Igreja não tem, pois, outra realidade a celebrar senão a presença permanente transformadora, ressuscitada e plenificadora do Mistério de Cristo. Na medida em que o fiel consegue celebrar a sua vida e a vida da humanidade no Mistério de Cristo Ressuscitado, que *renova todas as coisas* (Ap 21,5), o próprio Cristo será fonte eterna de vida e de libertação através dele. Neste sentido, não é a solidariedade para com o próximo, nem a transformação sócio-política a fonte primeira da espiritualidade cristã. Evidentemente, nenhuma autêntica vida espiritual pode prescindir do amor ao irmão e do compromisso pela transformação da sociedade, em vista da plena realização do Reino de Deus (cf Mt 6,33).

5 Realização concreta

Concretamente, a espiritualidade litúrgica assume características diferentes, de acordo com a peculiaridade de cada celebração (Celebração Eucarística, Liturgia das Horas, Celebrações da Palavra etc) e conforme a particularidade das fases do ano litúrgico.

Duas são as realidades fundamentais: a Palavra de Deus e a sacramentalidade do sinal.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* assim descreve a relação entre a Sagrada Escritura e a Igreja: “A Igreja sempre venerou as Sagradas Escrituras como o próprio Corpo de Cristo, principalmente na sagrada Liturgia... Sempre as teve e tem, juntamente com a Tradição, como suprema regra de sua fé... É necessário que a própria religião cristã seja alimentada e regida pela Sagrada Escritura... Ela constitui sustentáculo e vigor para a Igreja, alimento da alma, pura e perene fonte de vida espiritual” (DV 21).

O conjunto desses elementos chega à plenitude somente na celebração litúrgica, principalmente na celebração da Eucaristia, suporte de toda a economia sacramental. A Palavra de Deus se torna, pois, elemento essencial da estrutura sacramental. Não há sacramento sem a força da Palavra.

Cada celebração litúrgica realiza este *sacramentum* de acordo com a sua especificidade. A Liturgia das Horas, por exemplo, é uma experiência diária do

“A celebração da Missa é o centro de toda a vida cristã”

Mistério Pascal de Cristo a partir do ritmo do dia. É o louvor da Igreja ao longo da jornada, em vista da santificação especial do tempo¹⁰.

Na celebração Eucarística encontramos, realizada em grau máximo, a presença do Senhor ressuscitado e de sua obra salvífica. De fato, a presença de Cristo chega à sua intensidade máxima na assembléia dos fiéis reunidos em torno do altar. Em Cristo, Deus diz e faz, anuncia a salvação e a realiza (SC 7). "A celebração da Missa, como ação de Cristo e do povo de Deus hierarquicamente ordenado, é o centro de toda a vida cristã, tanto para a Igreja universal, como local e também para cada um dos fiéis, pois nela se encontra tanto o ápice da ação pela qual Deus santifica o mundo em Cristo, como o do culto que os homens oferecem ao Pai, adorando-o pelo Cristo, Filho de Deus. Além disso nela são de tal modo lembrados, no decorrer do ano, os Mistérios da Redenção, que eles se tornam de certo modo presentes. As demais ações sagradas e todas as atividades da vida cristã a ela estão ligadas, dela decorrendo ou a ela sendo ordenadas" (IGMR 1).

A relação entre Eucaristia e amor fraterno, uma das dimensões essenciais da espiritualidade eucarística, é, de modo contundente, lembrada por São João CRISÓSTOMO em suas homilias. Vejamos alguns textos:

"Nenhum pobre esteja triste por causa de sua pobreza, porque esta festa é espiritual; nenhum rico se ensoberbeça por causa de sua riqueza, pois em nada pode contribuir com o seu dinheiro para a alegria desta solenidade. Nas festas profanas, onde tudo é abundância de vinho, mesas lautas, guloseimas, risos hilariantes e existe toda sorte de luxo satânico, com razão se vê o pobre de cabeça baixa e o rico envaidecido. Como isso acontece? Porque o rico prepara para si uma mesa esplêndida e goza mais dos deleites; e o pobre, por causa da pobreza, se vê impedido de ostentar semelhante prodigalidade. Mas aqui nada disso acontece: uma só é a mesa do rico e do pobre; ainda que seja rico, nada pode acrescentar a esta mesa; ainda que seja pobre, não participará menos que os demais porque este é um dom divino... Tais são os dons do Senhor: não se reparam nem se comunicam de acordo com as dignidades e as honras, mas segundo o fervor do espírito"¹¹.

Em seguida, identifica o pobre com o Corpo de Cristo: "Tu que honras o altar sobre o qual repousa o Corpo de Cristo, ultrajas e desprezas, depois, em sua indignância, aquele que é igualmente Corpo de Cristo. Este altar podes encontrar em todas as partes, em todas as ruas, em todas as praças e podes em todo momento oferecer sobre ele um verdadeiro sacrifício. Aquilo que o sacerdote, de pé diante do altar, invoca pela ação do Espírito Santo, tu também, inclinado ante o altar, realizas não com palavras, mas com atitudes, porque não há nada que atraia e alimente o fogo do Espírito como a abundante efusão do óleo da caridade"¹².

A essa presença atuante do Mistério de Cristo chamamos de *memorial*. Sem haver qualquer repetição, encontramos-nos diante da presença do Sacrifício único que foi realmente doado à Igreja, de modo a se tornar,

aqui e agora, também o seu sacrifício¹³. De modo semelhante, o memorial atua em cada um dos sacramentos e nas diversas celebrações litúrgicas.

O dinamismo da presença de Cristo produz uma progressiva transformação em cada um dos participantes da assembléia litúrgica. Trata-se da mediação litúrgica na espiritualidade, conforme escreve Jesús CASTELANO: "Um modo concreto de entrar na dimensão espiritual da celebração é tomar consciência da presença de Cristo e de sua intensificação, para que esse celebrar *na presença* de Cristo e *em comunhão* com Cristo suscite uma resposta adequada, uma teologia da Celebração Eucarística, que requer uma espiritualidade. Entre a teologia e a espiritualidade, a própria liturgia estabelece a mediação necessária"¹⁴.

JOÃO PAULO II situa a Eucaristia no centro de todo o humanismo: "Ao celebrarmos e conjuntamente participarmos da Eucaristia, nós nos unimos a Cristo terrestre e celeste, que intercede por nós junto ao Pai, mas unimo-nos sempre através do ato redentor do seu sacrifício, por meio do qual ele nos remiu, de modo que fomos comprados por um preço elevado. A Eucaristia é o sacramento no qual se exprime mais cabalmente o nosso novo ser, e no qual o mesmo Cristo, incessantemente e sempre de maneira nova, dá testemunho no Espírito Santo ao nosso espírito, de que cada um de nós, enquanto participante do Mistério da Redenção, tem acesso aos frutos da filial reconciliação com Deus" (*Redemptor Hominis*, 20).

A celebração das festas, por sua vez, transmite a dinâmica salvífica que se encontra no evento Cristo, entre o *já realizado* e o *ainda não plenamente cumprido*. Em Cristo, tudo se cumpriu; mas, por outro lado, tudo ainda deve cumprir-se, isto é, a ação salvífica de

Deus em Cristo deve cumprir-se de modo histórico-sacramental em nós, no tempo da Igreja¹⁵.

Todas as etapas do Plano da Salvação foram realizadas de maneira definitiva e em plenitude em Cristo. Ele é o Mistério de Deus (CI 2,2). Este Mistério deve ser anunciado, proclamado e celebrado pela Igreja, verdadeiro povo de Deus, na sua passagem pelo mundo.

6. Características da espiritualidade litúrgica

A característica maior, a que surge em primeiro lugar, é a dimensão comunitária e eclesial da salvação. De outra parte, a liturgia propõe uma vivência equilibrada de todas as verdades da fé. Destaca, ainda, a mediação única de Jesus Cristo, Deus e homem, nossa Cabeça e Sumo Sacerdote que viveu entre nós, sofreu, morreu, realizando sobre a cruz o único e eterno sacrifício, uma vez por todas, e ressuscitou glorioso, colocando-se à direita do Pai, esperando que seus inimigos lhe venham a *servir de escabelo para os pés* (Hb 10,13), tornando-se *Ele Senhor para a glória de Deus Pai* (Fl 2,11).

A espiritualidade litúrgica é sóbria em sua manifestação da piedade. Demonstra, ainda um equilíbrio entre as diversas faculdades psicológicas (entendimento, vontade, afeto). Na liturgia, a espiritualidade é essencialmente

almente sacrificial e sacramental. Compreende-se, pois, porque ela seja eminentemente eucarística, uma vez que a liturgia é seu contexto orgânico e conatural.

7. Dimensões da espiritualidade litúrgica

Dimensão Cristológica

Para a Igreja, em primeiro lugar está a Palavra de Deus; ao redor desta, a comunidade se forma. A Igreja existe porque Deus falou. A assembléia cristã se reúne porque Deus lhe fala. Através da Palavra, Deus transcendente revela seu rosto e chama à unidade. Desde sempre Deus está diante do homem para o homem, mas é sua Palavra, constituída de acontecimentos e de palavras intimamente interligadas, o sinal que abre a possibilidade de comunhão.

É precisamente o Verbo, que demonstra o agir de Deus, quem constitui a Igreja. Falando, Deus se revela. O "falar" de Deus forma a Igreja. Deus escreve uma história e não apenas um livro.

A oração litúrgica, oração da Igreja, nasce e constitui como que um efeito e uma resposta, a partir desta Palavra-Verbo que a gera, que a forma na unidade, que lhe abre a própria possibilidade de poder responder. "É sempre a Palavra de Deus que reúne a assembléia litúrgica, assim como, de outra parte, cada anúncio da Palavra de Deus na ação litúrgica está a serviço da edificação da Igreja. A partir do anúncio da Palavra e do seu acolhimento na fé se constitui mais firmemente a comunidade dos que crêem"¹⁶.

A relação dialógica da Igreja com seu Senhor — estrutura originária da oração litúrgica — se alimenta exatamente daquilo que a faz existir: a Palavra. Por isso, a *Sacrosanctum Concilium* se expressa de modo muito incisivo: "Na celebração litúrgica é máxima a importância da Sagrada Escritura. Dela são lidas as lições explicadas na homilia e cantadas nos salmos. É de sua inspiração e bafejo que surgiram as preces, orações e hinos litúrgicos. (SC 24).

A palavra é viva quando o interlocutor está presente e ela soa de sua boca. Portanto, somente a presença de Cristo impede que a Palavra se transforme em mero documento histórico. A Igreja tem o privilégio dessa presença, porque ela se identifica com Cristo, é sua continuação. Onde, pois, está a Igreja, aí está a Palavra viva"¹⁷.

Dimensão eclesial

A oração litúrgica abrange a própria realidade cultural. Não consiste numa ação meramente individual; supõe, por sua própria definição, um sujeito comunitário, eclesial. Se a liturgia é ação de Cristo e do povo de Deus, é preciso que cada orante se sinta Igreja, membro deste povo. A oração litúrgica interessa a todo o corpo da Igreja, manifesta-o e o engloba. Na liturgia, o que importa não é o *eu* mas o *nós*. *Nós te bendizemos, nós te louvamos, nós te adoramos...* Este *nós* não significa apenas a união dos indivíduos, não constitui mera soma; é um todo: a Igreja.

"Na oração pessoal, o orante pode seguir o impulso do coração; se toma parte na liturgia, deve abrir-se a um outro impulso proveniente de uma origem mais forte

e profunda, vinda do coração da Igreja, que bate através dos séculos. Não importa o que pessoalmente lhe agrada, ou o que naquele momento lhe parece desejável, nem as preocupações particulares que o afligem. Tudo isso deve deixar para trás, a fim de entrar no grande movimento da ação litúrgica. Saindo de si mesmo, o homem percebe que se cumpre o primeiro efeito do *fato litúrgico*, que sempre podemos experimentar de novo: esse nos leva acima da existência cotidiana e nos liberta"¹⁸.

A oração litúrgica não exige a perda da própria unidade, da história e da originalidade pessoal, mas um *situar-se* dialógico dessas num outro horizonte, capaz de se revelar mais apropriado e mais livre. Torna-se Igreja. A *voz da Igreja* é sempre um caminho em direção da alteridade, da comunhão.

Dimensão simbólico-ritual

A dimensão simbólico-ritual indica o modo pelo qual se realizam as duas anteriores, a maneira como a oração litúrgica acontece, os atos litúrgicos, as ações simbólicas e a seqüência ritual. Compete ao orante colocar-se à disposição, assumindo as exigências dessa ação. Através da participação na liturgia, o fiel torna-se parte do ritual e um dos seus sinais.

É exatamente essa participação que constitui uma das maiores dificuldades do homem contemporâneo, dado que exige não só a compreensão, mas também implica a renovação da linguagem simbólica. "O simbolismo é como que o oxigênio para a fisiologia da respiração. Falta respiro à religião, se vier a faltar o momento simbólico"¹⁹.

Esta dificuldade provém, ou da inadequação dos ritos (quase sempre ligados a contextos culturais, por isso, exigindo permanente inculturação), ou da falta de conhecimento da linguagem litúrgica, ou de ambas. Diante desse impasse, a tentação é rejeitar a linguagem simbólica ou furtar-se à participação. Se, de uma parte, os símbolos necessitam de inculturação, de outra, o desconhecimento dessa linguagem exige permanente catequese litúrgica.

Dimensão lúdica

A oração litúrgica é ainda marcada pela gratuidade como resposta à iniciativa de revelação do próprio Deus. Nesse sentido, a oração litúrgica não se mede pelos conceitos de utilidade e de instrumentalidade. O aspecto lúdico de um rito reside na própria atividade da celebração, enquanto ela é gratuita, porque sua utilidade não é deste mundo.

Não se resolve, por conseguinte, a falta de participação na liturgia, obrigando as pessoas a celebrar. Nem se justifica a ausência das celebrações, argumentando que não são úteis, que não trazem proveito... É preciso educar para a gratuidade. A utilidade é um bem relativo; Deus, com quem entramos em comunhão, é absoluto.

8. Liturgia: Sinergia do Espírito

Por sua intrínseca realidade mística, a liturgia é também o lugar por excelência da vida mística, uma vez que o fiel se encontra situado no mundo dos sinais (palavras, gestos, imagens, sons, pessoas) que, através da fé, tornam-se transparência do mundo novo transfigurado pela Ressurreição de Cristo. De fato, o Espírito Santo continua a agir com o objetivo de fazer de nós um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, um verdadeiro culto.

A espiritualidade litúrgica favorece também a ascese, através da meditação permanente da Palavra de Deus e do apelo à conversão e à vivência da fé, da esperança e da caridade como das demais virtudes morais.

Toda a espiritualidade deve, igualmente, tender à mística. Por ser essencialmente comunitária, a espiritualidade litúrgica implica o uso freqüente de sinais sensíveis, de orações vocais, através do exercício constante dos sentidos externos e da fantasia. Tudo isso é perfeitamente conciliável com o ato místico ou, ao menos, adequado para criar uma atmosfera favorável à mística.

9. Liturgia e virtudes teologais

Enzo LODI desenvolve, de maneira sintética, no entanto consistente, a relação entre liturgia e virtudes teologais²⁰.

A vida litúrgica fundamenta-se em permanente exercício da virtude teologal da fé, que se alicerça sobre a Palavra de Deus. O primado da Palavra ouvida, proclamada e cantada, na liturgia, não é do tipo individualista, mas comunitário, por ser experiência da fé da Igreja reunida. A liturgia constitui, portanto, uma contínua profissão de fé, no sentido de que a fé é exigida e alimentada pelas celebrações, delas recebendo uma característica mais histórico-intuitiva do que filosófico-especulativa.

Na liturgia está igualmente presente a dimensão de **esperança**, não só porque o tempo do Advento, que inaugura o Ano Litúrgico, está sob o signo da esperança escatológica, mas também porque a Eucaristia, como *Mistério da fé*, proclama a Ressurreição de Cristo na expectativa do seu retorno.

A liturgia é também exercício da **caridade** teologal, primeiramente como santificação dos homens que, no culto, recebem o dom de revelar a glória de Deus e de celebrar sua presença na humanidade e no mundo. Em seguida, o envolvimento e a participação na celebração litúrgica torna-se uma expressão de caridade total, pelo

fato de realizar nova consagração do homem.

A liturgia contém, ainda, uma relação essencial com a caridade, dado que não existe verdadeiro culto a Deus que não seja também culto da vida. O ato de caridade, por sua vez, ao qual todo cristão é

"Transformemos a assistência habitual e rotineira aos atos de culto em participação ativa e inteligente"

chamado, encontra seu sentido último na liturgia. Igualmente a relação entre liturgia e amor ao próximo é sempre mais explicitada. A caridade para com os pobres não é apenas fruto e expressão do amor fraterno que a Eucaristia por sua natureza produz e significa, mas impulsiona a própria ação de graças. Há uma permanente reciprocidade entre liturgia e caridade social, promoção humana, diálogo com o mundo, deificação do homem, humanismo integral e missão.

10. Espiritualidade litúrgica e exercícios de piedade

Freqüentemente, nossos fiéis preferem os exercícios de piedade às celebrações litúrgicas. Não podemos nos esquecer dos vários séculos de *devocionalismo*, quando os pios exercícios ocuparam o lugar da liturgia. Enzo LODI lembra o desenrolar desse processo²¹.

Franco BROVELLI acredita que essa situação pode ser revertida: "A piedade do povo cristão e, conseqüentemente, suas ações e sua vida, não se apoiam suficientemente sobre as verdades fundamentais que constituem o centro da liturgia, a saber: a orientação de todas as coisas para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo; a mediação necessária e universal do Cristo; o lugar central do Santo Sacrifício Eucarístico na vida cristã; a missão da hierarquia na união com Deus; a realização visível da comunhão dos santos. Todas estas verdades da fé, atualizadas pelo ato litúrgico, como que dormem no íntimo dos corações. O povo cristão, no entanto, tomou consciência destas verdades. Transformemos a assistência habitual e rotineira aos atos de culto em participação ativa e inteligente. Ensinemos os fiéis a rezar e a proclamar juntos esta verdade, e a liturgia, assim celebrada, despertará de modo imperceptível a fé adormecida, colocando em evidência, na oração e na ação, as energias escondidas nos corações dos batizados²²."

Como a oração litúrgica não é simplesmente uma, dentre tantas outras recomendadas pela Igreja, mas a oração por excelência, com um título que não compete a nenhuma outra, do mesmo modo *a espiritualidade que se fundamenta sobre a oração litúrgica é, com título que não compete às demais, a espiritualidade da Igreja*.

É preciso ter em conta o que diz o Concílio Vaticano II: "Assim, pois, considerando os tempos litúrgicos, estes exercícios piedosos devem ser organizados de tal maneira que condigam com a sagrada liturgia e dela de alguma forma, derivem, uma vez que, por sua natureza, a liturgia em muito as supera" (SC 13).

CONCLUSÃO

A oração cristã, diferente de todas as orações de outras religiões, nas quais os Deuses são mudos, consiste no diálogo dos filhos com o Pai. Ora, não pode haver diálogo ou colóquio a não ser onde duas pessoas entram em contato e se aceitam reciprocamente²³.

O conhecimento de Deus pela oração não consiste, no entanto, num discurso intelectual, embora tal conhecimento faça parte do processo da oração. René VAILLANT insiste: "Não é suficiente conhecer a Deus pela inteligência. Desejamos e queremos que aquele que amamos esteja presente em nós"²⁴.

Mais do que falar de Deus, é preciso deixar que Deus fale. Não somos nós que temos necessidade de nos apresentar a Deus; é ele que precisa ser por nós conhecido e amado.

O diálogo com Deus não pode, portanto, se restringir a determinados momentos da vida. Toda a vida deve transformar-se em oração. Mesmo na arte de orar, René VOILLAUME adverte: "Há momento de oração pura, de retiro, de silêncio e de cessação absoluta de toda atividade terrestre; há também a permanência no estado de oração, no decurso de todas as nossas atividades humanas de trabalho ou de realizações"²⁵.

A oração não pode, igualmente, se alimentar apenas de sentimento. Ao contrário, a oração feita na dor, no deserto da vida, até mesmo na aridez, tem um valor inestimável, porque se une à oração de Cristo sofredor e, por ele, com ele e nele, se transforma em oferta viva e agradável ao Pai. "De fato, a oração não consiste, em primeiro lugar, num sentimento nem num pensamento; é, sim, um reconhecimento da posse de Deus sobre nós mesmos, sobre as profundezas do nosso ser"²⁶.

A oração, no entanto, assume um caráter único e especial quando celebramos em comunidade, em nome da Igreja unida a Cristo. Por isso, "toda celebração litúrgica, como obra de Cristo sacerdote, e de seu Corpo que é a Igreja, é uma ação sagrada por excelência, cuja eficácia, no mesmo título e grau, não é igualada por nenhuma outra oração da Igreja" (SC 7).

A liturgia é a primeira e necessária fonte da qual os fiéis haurem o espírito verdadeiramente cristão (SC 14). Daí a necessidade de promover a ativa participação interna e externa dos fiéis, segundo a idade, condição, gênero de vida e grau de cultura religiosa (SC 19).

A espiritualidade litúrgica bebe desta fonte. Antecipa, aqui na terra, a celebração escatológica da Jerusalém celeste, onde o Cordeiro Imolado, que reina vivo, se torna

"A oração, no entanto, assume um caráter único e especial quando celebramos em comunidade"

fonte inesgotável que aplaca toda sede (Ap 21,6). Quando, enfim, tiverem sido retirados os véus sacramentais, quando as nações todas caminharem à sua luz (Ap 21,24), quando ninguém mais precisar da luz da lâmpada dos símbolos sagrados, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre nós (Ap 22,5), não haverá mais morte, nem luto, porque aquele que está sentado no trono declarou: "Eis que eu faço novas todas as coisas" (Ap 21,4-5). Cantaremos, então, o cântico novo da liturgia que não conhece ocaso:

"Digno é o Cordeiro imolado de receber o poder, a riqueza e a sabedoria a força, a honra, a glória e o louvor. Aquele que está sentado no trono e ao Cordeiro pertencem o louvor, a honra, a glória e o domínio pelos séculos dos séculos".

(Ap 5,12-13)

NOTAS

- ¹ C. VALENZIANO, "Problemi antropologici della preghiera liturgica oggi", in *La preghiera della Chiesa*, Bologna, EDB, 1974, pp 52-53
- ² R. VOILLAUME, in AA.VV. *Como rezar?* - São Paulo, Paulinas, 1973, p15
- ³ Idem, in *Rezar para viver*, Petrópolis, Vozes, 1973, pp 11-1
- ⁴ E. LODI, in AA.VV. *Como rezar?* - São Paulo, Paulinas, 1973, p 49.
- ⁵ JOÃO PAULO II, in V. MESSORI, *Cruzando o limiar da esperança* - Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994 (trad.), p 44.
- ⁶ B. NEUNHAEUSER, *Espiritualidade Litúrgica*, in Dicionário de liturgia - São Paulo, Paulinas, 1992, p 381.
- ⁷ Id., ibidem, p 386.
- ⁸ Id., ibidem, p 373.
- ⁹ C. VAGAGGINI, *El sentido teológico de la liturgia y los sacramentos*, Madrid, BAC, 1965, pp 621-622.
- ¹⁰ A. BECKHÄUSER, *Rezar em comunidade*, Petrópolis, Vozes, 1985, p 34.
- ¹¹ D. BOROBIO, *Dimension social de la liturgia y los sacramentos*, Bilbao, Desclée de Brouwer, 1970, pp 104-105
- ¹² Id., ibidem, p 106
- ¹³ B. NEUNHAEUSER, ibidem, p 378.
- ¹⁴ J. CASTELLANO, *Espiritualidad de la celebracion eucaristica*, in RPL 212 (1969), p 111.
- ¹⁵ M. AUGÉ, *Teologia do ano liturgico*, Anámnese 5, São Paulo, 1991, pp 24-26
- ¹⁶ A.M. TRIACCA, *Biblia e liturgia*, in D. SARTORE e A.M. TRIACCA (ed), *Nuovo Dizionário di liturgia*, Roma, Paoline, 1984, p 184
- ¹⁷ V.M. GOEDERT, *Orientações para os ministros extraordinários da comunhão*, São Paulo, Paulus, 1994, pp 86-87
- ¹⁸ R. GUARDINI, *Introduzione alla preghiera*, Brescia, 1973, p 220
- ¹⁹ A.N. TERRIN, *Leitourgia. Dimensione fenomenologica e aspetti semiotici*, Brescia, 1988, p 66
- ²⁰ E. LODI, *Liturgia della Chiesa*, Bologna, EDB, 1981, pp 93 - 102
- ²¹ E. LODI, o. c. pp 84 - 86.
- ²² F. BROVELLI, *Movimento liturgico e spiritualità cristiana*, in RL 4(1986), p 473.
- ²³ M. ALBERTA, *Per una spiritualità dell'anno liturgico*, in RL 4(1986), p 492.
- ²⁴ R. VOILLAUME, *A contemplação hoje*, São Paulo, Paulinas, 1972, p 17.
- ²⁵ Id., *Rezar para viver*, Petrópolis, Vozes, 1973, p 73.
- ²⁶ Id., ibidem, p 78.

Endereço do Autor:

ITESC - Caixa Postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC